N. 17 1. ANNO

O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA

DEDICADO ÁS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATURAS
Anno 300
Com estampilha 360

GUIMARÃES
DOMINGO 6 DE FEVEREIRO 1887

TODA A CORRESPONDENCIA
Deve ser dirigida á
REDACÇÃO

O AMOR

O AMOR ia-se prolongando indefinidamente e a paciencia de vossencias ia-se retrahindo a cada momento.

E ainda iria mais longe, pois como diz Stahl : «ainda que fossemos tão velhos como o mundo, sempre teriamos alguma coisa que dizer ou que pensar acerca do amor».

Mas por causa de duvidas, aqui vae o ultimo rasgo da minha penna maldizente.

Respondendo á invocação que suppuz me fizessem, depois das minhas tentativas nihilistas á synagoga de Sua alteza o AMOR, direi, sem me contradizer, que esse a que vossencias chamarão o MAIS BELLO ROMANCE DA MOCIDADE, não desapparecerá da superficie da terra, nem se divorceará mais da alma humana.

Mas não o amor pura phantasia nem o amor puro realismo. Separados, são duas utopias, e as utopias, apesar de terem o seu periodo de gloria, desapparecem naturalmente, como tudo o que é inutil, quando o estudo consciente dos factos as olha com indifferença ou lhes lança em plenas faces a verve do ridiculo.

E' por isso que eu, apesar de reconhecer o eclectismo um systema condemnavel, não se me dá de o considerar rasoavel em questões d'esta natureza e muito principalmente querendo harmonisar as duas escolas—romantica e realista cada uma com o seu exclusivismo absoluto.

Factos já eu os apresentei :
Agora vá a theoria.

. . .

O amor deve ser a alliança d'aquelles dous principios o psychologico e physiologico. A affeição moral, a sympathia intima e o estimulo sensual.

Reduzil-o só a lamurias de coração e amar o objecto que nos sensibilisa n'uma contemplação mystica á semelhança dos antigos trovadores, é esterelisar o mais bello sentimento da humanidade e condemnal-a a viver n'um mundo de ideaes uma vida de chimeras.

Ora é certo que ninguem vive de cantigas.

E' encarando n'aquellas duas faces, que Michelet, esse bello espirito que tanto estudou o coração humano, o comprehende e o exalta.

E' assim que Perez Escrich, n'um bello rasgo da sua penna, deixa esvoaçar o pensamento n'uns brados de tempestade para os homens que o tem deturpado, e n'uma suavidade de caricias e de benções para os que o comprehendem na sua mais elevada missão.

Assim, pode elle ser o ideal de Comte na vida social—L'amour pour principe—l'ordre pour base—le progrès pour but.

Pode ser a base do progresso social, porque a sociedade compõe-se de familias e para a familia ser o ideal perfeito para uma sociedade bem constituida, deve basear-se no amor.

Assim, pode a Arte, a sublime interprete da Natureza, abraçal-o como o thesouro inexhaurivel para saciar as suas attrahentes manifestações.

Ou em trechos de harmonia, n'uns accordãos dolentes, como as musicas de Bellini, exprimindo as maguas de um coração que soffre no isolamento, ou n'uns «alegros» palpitantes, acompanhando as caricias de duas almas que vivem n'um doce amplexo de affectos e delicias, suffocando no peito suspiros que traduzem ancias... e ancias que pedem desejos...

Ou nas tintas coloridas da palêta, desenhando n'um fundo azul, o quadro de dous sonhadores contemplando-se n'uns olhares languidos...apertando-se n'uns estonteamentos lubricos...lá pelas tardes mornas do estio...quando o sol se despede em beijos de luz e de saudade, deixando os

lyrios curvados meigamente nas petalas das rosas, e as aves a esvoaçarem, arquejantes, soltando os seus ultimos canticos pelas ramagens dos salgueiraes e a brisa imprimindo beijos frescos nas faces rosadas das amantes.

Ou nas harpas divinas da poesia, bordando uns madrigaes cheios de sentimento e de lascivia, de luz e de fogo, n'uma paixão magnetica...descrevendo as bellezas de uma explendida mulher...

Assim, podemos dizer com o poeta das Flores do Campo:

HA TAMBEM NO AMOR MUITA POESIA.

Coimbra, Fevereiro de 87.

BRAULIO CALDAS.

NO ALBUM DE ROSA MENDONÇA

VEIO visitar-me o teu album, a pedir-me uma flôr do meu jardim.

Uma flôr na estação das neves!! Estranho pedido! Desci comtudo, para vêr se o frio e a chuva teriam poupado alguma. Illusão momentanea, que a realidade desfez!

—Eil-o, o meu pobre jardim! despido e triste como cemiterio desguarnecido! Na primavera, os arbustos, tão vulgares e enfezados como elles são, dar-me-iam umas flores singelas, para offerecer-te; mas agora para dizerem-me, na sua eloquente mudez—Nada nos peças, que nada nos ficou, nem mesmo uma folha verde.

Que te farei então?...

Tive uma ideia; fui procurar o cofre precioso das minhas reminiscencias, aonde havia guardado umas flores bonitinhas, e abri-o. Lá estavam elas e formosas me pareceram, dispunha-me a escolher a mais bella, quando do cofre sahiu um murmurio de vozes supplicantes:—Deixa-nos ficar aqui, imploravam ellas; para ti, somos o que fomos, estamos seccas, mirradas e parecemos-te bellas, somos inodoras, e achas-nos perfume, não admira, somos o teu passado. Para a tua amiga nada valeremos, vêr-nos-ha taes quaes somos, e sorrindo-se da offerta. Talvez nos desprese. Tu não podes viver sem nós, deixa-nos ficar aqui, repousaremos tranquillas.

Fechei o cofre.

...Mas, meu Deus! não terei então cousa alguma que dê á minha querida Rosa?

—Terás, murmura-me ao ouvido uma voz suave e meiga, como o gorgeio da philomela, «escuta o que vou dizer-te, e escreve-o no album da tua amiga»—.

(Continua)

VIRGINIA D'ABREU.

SONHOS PERDIDOS...

Esqueci que não ha amor ardente
Na pomba que se arrulha no sonhar,
E enebriou-me o extasi fremente
—Mixticismo das noites de luar.

Esqueci que a utopia é vagamente
O elo que não deixa despertar
A chimera que envolve o simples crente,
A chimera que diz:—Vive p'ra amar...

Eu nunca acreditei em professia;
Deixei enevoar-me a phantasia,
Esqueci quem a lyra mal dedilha;

Deixei enebriar-me d'este amor
E—fragil—olvidei que n'essa flor
Ha um pouco de rosa e mancenilha!

PORTO—87

C. Guimarães

BOLETIM ELEGANTE

Desde o dia 10 até ao dia 18 do corrente fazem annos as ex.mas snr.as:

Dia 10—D. Sophia Virginia da Costa Freitas.

Dia 12—D. Amelia Augusta de Lemos Motta.

Idem—D. Maria Luiza de Freitas Carneiro.

Dia 18—D. Maria Emilia de Castro Sampaio.

Idem—D. Maria Gomes dos Santos Portella.

AS TRES VIRTUDES

(A' EX.ma SNR.a D. VIRGINIA D'ABREU)

FÈ

TÉS a aurifulgente cadeia que nos teus suavissimos élos, abranges a verdade; e, sendo tambem o delicado arcano de generosos pensamentos, adornas-te com o diadema da innocencia.

ESPERANÇA

VALOR immaculada, vispertina luz da idéa, melodioso carme do porvir! Impossivel é viver sem ti, por que és o vulto angelico junto da alma; a essencia que perfectibilisa todos os desejos; a ditosa alliada que meigamente nos sorri em todas as evoluções da vida.

CARIDADE

SE elevo o pensamento ao solio dos anjos, deparo com esse refulgentissimo astro, que se infiltra em catadupas de affectuosos heroismos no peito da humanidade. Depois... vejo que essa procreadora luz, formando do coração um eden de beneficios, vae alumiar em cheio os transes mais dolorosos da indigencia.

A. Pires

MEDIEVAES

A CUSTODIO FREITAS.

(Continuação)

A Europa até então escravisada pelo poderio feudal, passou em curto espaço de tempo por uma serie d'evoluções devidas ao enthusiasmo monomaniaco das crusadas.

Como o ruido do trovão, rolando no espaço, se repercute nas casas inhospitas e selvaticas dos montes, assim na Europa ao grito levantado pelos crusados, milhares de seres, uns movidos pela devoção, outros pela avidez da preza e quasi todos pela pilhagem se precipitaram como uma enorme avalanche sobre os muros negros de Jerusalem, quente ainda e mesclado pelo sangue rubro dos pugnadores da velha Roma.

O Conde d'Oldoiní, eivado como já disse, das aventuras de caveleria, depreciada depois por Cervantes no seu immortal D. Quichote, incrustou-se sob as azuladas laminas d'uma armadura d'aço e acompanhou o sequito distincto de Godofredo de Buillon.

Porem antes de partir, chamou á sua luxuosa camara o tio de Lélia, dando lhe conta do seu proposito e entregando-lhe as chaves do velho castello roqueiro. Oldoiní, osculou a face alabastrina de Lélia humida ainda de lagrimas e partiu em busca da gloria soltando dos labios o «Deus o quer» das crusadas. O ceo n'esse dia, tinha reverberações magneticas de luz; atravessavam aqui e além o ether azulado farrapos de nuvens brancas que punham na athmosphera o «tic» frigido dos pólos.

Ao longe, a vegetação ondulava somnolenta aos bafejos beneficos d'um vento fresco e persistente e o sol meio escondido por uma nuvem d'um escuro opalino, ia reflectindo a sua luz baça nas camadas serenas dos pequeninos lagos.

(Continua)

Antonio d'Almeida.

A MULHER

(A'S DAMAS VIMARANENSES)

A mulher é por excellencia o ornamento do mundo. A Biblia diz-nos que Deus, querendo dar um glorioso remate aos seus protentosos tra-

balhos de Hercules da Immensidade, creára a mulher, esse prototypo de bondade, belleza e candura ! Dupla gloria para o Hercules e para a mulher, pequenino «bijou» de preciosidades grandiosas e sublimes. Gloria para o Creador, que da simples costella do primeiro homem, formou a obra prima da geração humana; e gloria para a mulher, a quem elle ennobreceu com logar tão distincto. Deus que é sapientissimo, concluindo pela mulher a magna obra da creação, quiz mostrar perante todos a dignidade da sua escolha.

Comparemos a creação a uma pyramide gigantesca, na vertice da qual Deus assentará a mulher.

A comparação é talvez um pouco livre, mas torna frisante a minha idea. As qualidades sem egual, que lhe embellezam, tanto a parte phisica como a moral, são o testemunho authentico de uma escolha divina. Com a mulher veio a familia; e, em seguida, a sociedade, esse edificio grandioso que foi buscar ao lar domestico, as suas primeiras pedras.

No seio alabastrino da mulher, escondem-se heroismos, enigmas indecifraveis e misterios sublimes, que nem a quéda dos seculos no immenso sorvedouro do passado, tem conseguido desvendar.

Animar o homem a proseguir no seu intento, ora com um simples sorriso que fascina, ora com um impolluto olhar, é nobre é sublime. A historia da mulher é heroica e gloriosa ! Desde o primeiro seculo até ao actual, tem sido preenchida de commettimentos preciosos e misterios sublimes.

A mulher é o anjo que Deus nos envia na occasião da procella, ou á beira do abismo para nos resgatar; é o veloz immissário que elle envia ao homem, para o advertir dos laços armados pela cruel preversidade. E' ella que, com uma habilidade admiravel, sabe como ninguem, mitigar-lhe as feridas e adoçar-lhe os soffrimentos. E' ainda ella que o arrasta ao brilhante caminho da virtude; e, com aquelles seus modos ternos e carinhosos, o sabe tambem dominar e fascinar !

Oh ! como ella sabe tão docemente pronunciar aquelle «rende-te», ao qual o homem responde ajoelhando-se-lhe aos pés, para lhe fazer a confissão sincera da sua fraqueza e do seu amor. E depois, com um olhar que o seduz, ou com um gesto que o captiva, diz-lhe :—E's meu escravo.

Elle, bemdizendo aquella escravidão, aventura-se a dizer-lhe com anciedade :—Se acceitas para teu companheiro este desgraçado, dás-lhe a vida; se o recusas, dás-lhe a morte. E' que a mulher, esse anjo tutelar com que Deus adornou o sagrado sanctuario da familia, tem nos labios um magico sorriso que infeitiça e nos olhos uma suave expressão que prende e arrebata.

Terminarei saudando com enthusiasmo febril as damas vimaranenses, a quem offereço o meu modesto trabalho, admirando ao mesmo tempo a maneira louvavel como s.s. exc.as sabem occupar e manter-se no seu posto, em questões de honra e dignidade.

JAYME D'ABREU.

CORRESPONDENCIA

C. Guimarães, Porto—Recebemos e agradecemos.

A. Louzada, Porto.—Em rasão de sermos gratos ao sr. B., desejavamos publicar os seus escriptos, mas não o fizemos sem primeiro lhe perguntarmos :

Estudou grammatica ?

Suppondo que a resposta não seja affirmativa, tomamos a *liverdade* de os guardar. . .

Jayme d'Abreu, Collegio Academico,—Braga.—Gostosamente publicamos o escripto de v. exc.a e permitta-nos que lhe demos os nossos parabens como novel escriptor.

Typ douuise